Mapeamento do Mídia Ninja: uma análise sobre as coletividades emergentes territorializantes no Facebook[1]

Fábio Malini[2]
Priscilla Calmon[3]
Jean Maicon Medeiros[4]
Nelson Aloysio Reis[5]
Luisa Aboudib[6]

Resumo

A internet proporciona aos cidadãos uma interação mais democrática com a informação, permitindo não apenas um acesso dinâmico a fontes de variadas vertentes, mas a possibilidade de dialogar com e dar maior alcance às que julgue mais apropriadas e de, ainda, atuar na rede também como narrador e divulgador de fatos e pensamentos. Essa característica transforma a rede em face visível das micropolíticas do mundo da segmentação e levanta questões quanto à possibilidade de organização de redes coletivas, sem uma força modularizante, para produção política ou de outras formas de narrativas. O movimento Mídia Ninja apresenta características semelhantes a essa forma de organização coletiva, tornando-se objeto de estudo deste artigo. Para isso, foram analisados a história do movimento, as atividades de sua página oficial no Facebook durante sua explosão na rede e o consequente surgimento de novos focos do movimento, com a emergência de narrativas territorializantes em diferentes cidades e estados do país, extremamente importantes para o entendimento de sua trajetória enquanto consolidação de um modelo de mídia configurada a partir de narrativas independentes.

Palavras-chave: mídia ninja, redes sociais, jornadas de junho, protestos.

1. Introdução

> "Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se" (CASTELLS, 2013, p.11)

No momento atual em que o trabalho configura-se não só no ambiente fabril mas inunda todas as outras esferas da sociedade, através do trabalho imaterial, o indivíduo social surge enquanto suas condições e situações relacionais, com o outro,

---

[1]Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Novos Meios e Novas Linguagens, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

[2]PHD em Comunicação e Cultura, pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto IV na Universidade Federal do Espírito Santo, onde também coordena o Labic (Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura). Email: fabiomalini@labic.net

[3]Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela UFES-ES. Mestranda em Comunicação, Tecnologias da Comunicação e Estética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: priscillacalmon@gmail.com

[4]Graduado em Ciência da Computação e Mestrando em Comunicação e territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo. Email: jeanmrmedeiros@gmail.com

[5]Graduando em Comunicação Social /Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo. Email: nelsonaloysio@gmail.com

[6]Graduanda em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Espírito Santo. Email: luaboudib@gmail.com

por uma existência em grupo e geradora de subjetividades. Do ambiente seguro do ciberespaço, como afirma Castells (2013), os indivíduos ganham força para ocupar o espaço público e reivindicar o direito de fazer história através da ação coletiva. Do Ocuppy Wall Street, nos Estados Unidos, às Jornadas de Junho de 2013, no Brasil, o que todos estes movimentos sociais têm em comum é a rejeição pelos partidos políticos, a desconfiança na mídia, a organização sem liderança e a sustentação online e offline, em eventos organizados em rede, mas sustentados em assembleias gerais convocadas pelo trabalho da multidão. E é sob o sistema da "autocomunicação de massas", proposto por Manuel Castells, que a multiplicidades de seres em rede configuram "uma plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo, em relação às instituições da sociedade" (CASTELLS, 2013, p.16).

Essas novas subjetividades, cunhadas por Rheingold (2004) como "smart mobs", Pierry Lévy (1999) como "inteligência coletiva", Johnson (2001) por "coletivos inteligentes", corroboram para a mesma direção: de que existe uma multidão de pessoas cada vez mais conectadas, em um sistema baseado em redes, no qual o número de conexões só tende a aumentar e a caminhar para verdadeiras mudanças na sociedade no que diz respeito aos governos, à democracia e ao agrupamento em torno de causas diversas. Essas multidões inteligentes reunidas caminham seguindo sua força de colaboração e seguem derrubando não só a hegemonia de meios de comunicação tradicional, como também criando novas formas de se narrar um acontecimento, que perpassam experiências ao invés de discursos.

Para Marx (2011), nossas relações sociais, nossa comunidade, nosso modo de falar, nossas narrativas e desejos se constituem no campo da mercantilização, na mercadoria enquanto captura do capitalismo. O intenso uso das tecnologias, a partir do que seria esta "multidão inteligente", facilita a inserção do capitalismo em todos os espaços e tempos sociais. O modo de produção deixa a ideia de um operário individualizado para a concepção de um trabalho social coletivo, com características próprias de organizações em rede (distribuído, sem centro, cérebro coletivo). É um trabalho feito a diversas mãos e mentes, em novas funções sociais do trabalho, quem produz é toda a sociedade, em uma transição do capitalismo material ao imaterial.

Essa nova configuração do trabalho vivo provoca um regime micropolítico intenso, examinado de perto por Deleuze e Guattari (2012), ao afirmarem que "somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções. O homem é um animal segmentário. A segmentaridade pertence a todos os estratos que nos compõem (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.92)". Ao levantar os segmentos como características intrínsecas da sociedade os autores abrem caminho para uma visão de uma sociedade "social" em que a única forma de se pensar é a partir de micropolíticas, com sujeitos coletivizados e atravessados por diferentes segmentações (binariamente com grandes oposições duais; circularmente em círculos que se ampliam cada vez mais; e linearmente, em que cada segmento configura-se enquanto processo, episódio). Porém, as duas grandes segmentaridades ressaltadas pelos estudiosos é a que perpassa por toda sociedade/indivíduo, uma molar e outra molecular. Ao mesmo tempo em que se diferem são também complementares, coexistem, uma passa pela outra. Esse conflito molar x molecular atravessa todos os segmentos da vida cotidiana, temos por exemplo as grandes manchetes de jornais (macro) e as pequenas conversas que não recebem destaque enquanto tais, grandes estruturas de governo (macro) e suas repartições (micro). Ou seja, o molar remete aos sistemas estratificados ligados aos objetos, sujeitos e representações, é uma segmentaridade dura com representações estáticas. Por outro lado, a ordem molecular configura uma segmentaridade flexível, que percorre enquanto fluxos, devires, virtualidades, intensidades e fases, "as fugas e os movimentos moleculares não seriam nada se não repassassem pelas organizações moleculares e não remanejassem seus segmentos, suas distribuições binárias de sexos, de classes e de partidos" (p.104).

A face visível dessa micropolítica nos dias atuais se dá, por exemplo, na rede, é nela em que se vê o mundo da segmentação que é o mesmo da fábrica social. A segmentaridade tem como estrutura organizacional a Internet e é nela que temos como visualizar toda essa segmentaridade, levantando algumas questões, como: os segmentos em rede são capazes de produzir cooperativamente política? São capazes de produzir outras formas narrativas, como eventos, culturas, produção econômica? De que forma é possível conviver em uma sociedade permeada por seguimentos que possuam sua dinâmica própria? Seria este um momento em que não teríamos uma força que modula todas essas segmentações? São estas questões que buscaremos esmiuçar nas páginas

seguintes a partir do estudo da rede Mídia Ninja no Facebook e a formação de territorialidades e cooperações políticas com o surgimento da página online.

2. A história do Mídia Ninja

As manifestações populares em junho e julho de 2013 entraram para a história do Brasil. Milhões de cidadãos ocuparam as ruas em defesa de causas diversas: de exigências como o fim da corrupção, a melhoria da saúde e da educação, a demandas mais pontuais e concretas, como a implantação de uma política de transporte público coletivo não-tarifário – pauta defendida principalmente pelo Movimento Passe Livre (MPL), uma organização social apartidária e autônoma em prol da mobilidade urbana, atuante desde 2005 na cidade de São Paulo e em outras localidades.

Concomitantemente ao MPL, os protestos foram eclodindo e atraindo um número exponencial de dissidentes, de variadas territorialidades, nacional e internacionalmente. Neste cenário, destacam-se três elementos-chave que seriam posteriormente características marcantes da "Jornada de Junho", como então foram denominados os protestos brasileiros: 1) a gradativa violência com que o aparato policial brasileiro reprimiu as manifestações, com documentadas agressões a e prisões arbitrárias de tanto civis quanto jornalistas; 2) a emergência da tática black bloc, como via de resistência à brutalidade policial (face a multiplicação dos relatos de repressão a manifestantes) e, de maneira mais difusa, de luta anticapitalista (frente a incapacidade das esferas governamentais de compreender e lidar com movimentos a-centrados e não-hierárquicos); e 3) a crescente resistência, por parte de diferentes estratos da sociedade, à cobertura das demonstrações realizada pelos meios de comunicação tradicionais (fator este ligado a, pelo menos, dois itens: a insistente criminalização/vandalização dos protestos e de seus atores e a evidente discrepância nos relatos dos dissidentes, quando comparados aos da mídia tradicional).

É o desdobramento destes elementos, entretanto, que demonstra-se crucial para a análise proposta: surgem, neste contexto, as chamadas mídias independentes – redes de comunicação estruturadas descentralizada e horizontalmente, responsáveis pela disseminação de conteúdo baseado no trabalho colaborativo e no compartilhamento online, cujo público majoritário é o interessado em uma cobertura jornalística livre de, insubmissa e resistente a interesses corporativistas.

Destes, um dos coletivos de maior notoriedade é o grupo mídia NINJA – acrônimo para "Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação". Criado em março de 2013, inicialmente atuando, assim como o MPL, apenas na cidade de São Paulo, o grupo foi gradualmente ganhando notoriedade e aumentando a sua base de usuários em simultâneo às demonstrações populares. A partir de redes sociais, sobretudo o Facebook e o Twitter, os ninjas – como denominam-se seus integrantes – inovaram ao oferecer uma visão mais crua e realista dos protestos, transmitidos em meio à multidão, na rua e em tempo real, através do streaming de vídeo capturado por aparelhos portáteis como celulares e tablets. Por meio dos próprios canais de distribuição, fez-se possível também o diálogo entre pessoas que os assistiam online, oferecendo assim um espaço virtual para a troca de ideias pautadas nos acontecimentos reais e imediatos, vistos conjuntamente por milhares de usuários.

Com o uso cada vez maior destas tecnologias, notou-se um padrão de comportamento dos manifestantes de utilizar das mídias sociais como instrumentos de coordenação, engajamento e repercussão das ações tomadas durante os protestos, de forma a propagar informações para outras pessoas e grupos a longas distâncias. Processo este rapidamente transportado para o "outro lado", em que as forças policiais também utilizaram-se da mesma rede social, mas para vigiar e interceptar as comunicações dos envolvidos nas manifestações, de forma a adiantarem-se estrategicamente em relação aos dissidentes.

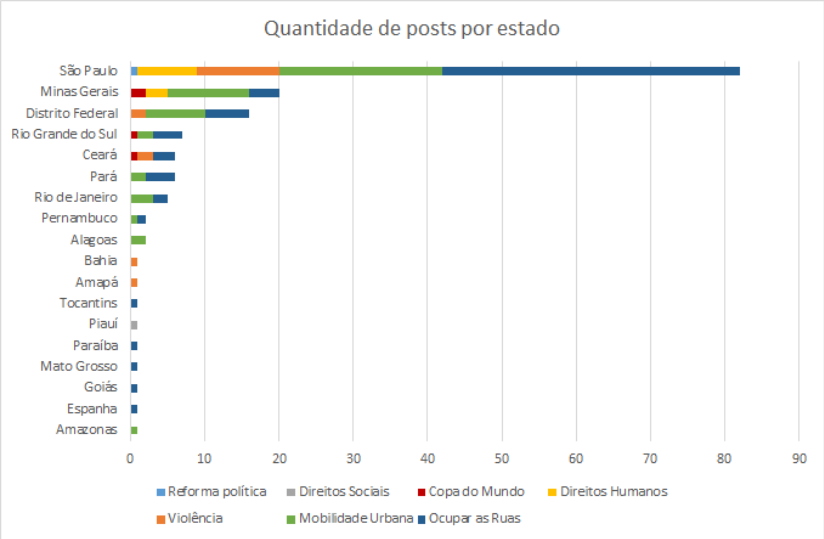
Para Quintana e Tascón (2012), a história do ativismo online não pode ser um relato cronológico. É um processo caótico: não-linear, sem plano, sem líderes e sem produto final. Nota-se, entretanto, o quão bem o modelo de midialivrismo do coletivo NINJA funcionou: atualmente, ele responde como um canal autônomo econômica e politicamente, com seu próprio feed de notícias (midianinja.org), cujo trabalho continua a ser fruto conjunto de vários colaboradores, inclusive membros do coletivo Fora do Eixo[7] e de outros canais de mídia livre no país. Possui também o apoio de órgãos

[7] O Fora do Eixo é uma rede colaborativa e descentralizada de trabalho constituída por mais de duas mil pessoas, cuja existência já data mais de dez anos. Grande parte da estrutura do mídia NINJA remete ao Fora do Eixo e seus coletivos de cultura, pautados nos princípios da economia solidária, do associativismo e do cooperativismo, da divulgação, da formação e do intercâmbio entre redes sociais, do respeito à diversidade, à pluralidade e às identidades culturais, do empoderamento dos sujeitos e alcance da autonomia quanto às formas de gestão e participação em processos sócio-culturais, do estímulo à autoralidade, à criatividade, à inovação e à renovação, da democratização quanto ao desenvolvimento,

nacionais e internacionais, dispostos a apoiar similares iniciativas midialivristas, cujo objetivo é o empoderamento do povo a partir da sua retomada de controle dos canais de informação – ou da criação de novos meios de comunicação, independentes.

3. O boom da mídia independente: o cenário do Mídia Ninja no Facebook

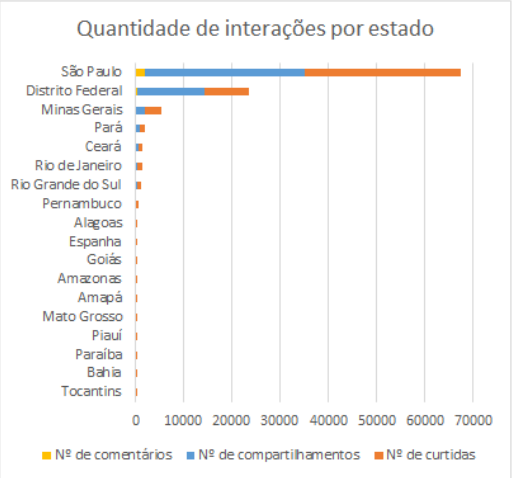
Entre os dias 17 e 22 de junho de 2013, a página do coletivo Mídia Ninja no Facebook, criada no dia 27 de março de 2013 com a denominação "NINJA", recebeu os primeiros grandes picos de curtidas em suas publicações. Esse período caracteriza o momento de explosão do movimento nesta rede social, o que foi concomitante com a "Jornada de Junho" de 2013. Durante o período analisado, a página publicou 155 postagens a respeito de manifestações que ocorriam em 18 diferentes estados do país.

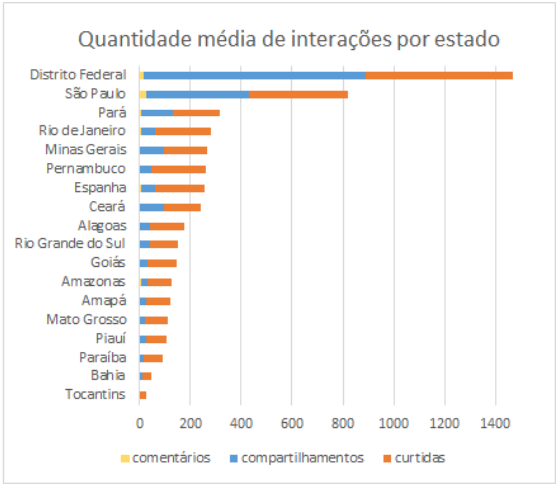


Embora a página tenha divulgado informações referentes a uma ampla gama de localidades, predominaram as postagens sobre as manifestações ocorridas em São Paulo, com 82 postagens, seguidas por Minas Gerais, com 20 postagens, e pelo Distrito Federal, com 16 postagens. As publicações sobre São Paulo foram também as que mais receberam curtidas, compartilhamentos ou comentários, em números absolutos, seguidos pelos que divulgavam as manifestações do Distrito Federal. Entretanto, analisando a quantidade média dessas interações, a posição se inverte nos dois territórios. Isso mostra que mesmo havendo cinco vezes menos posts referentes ao

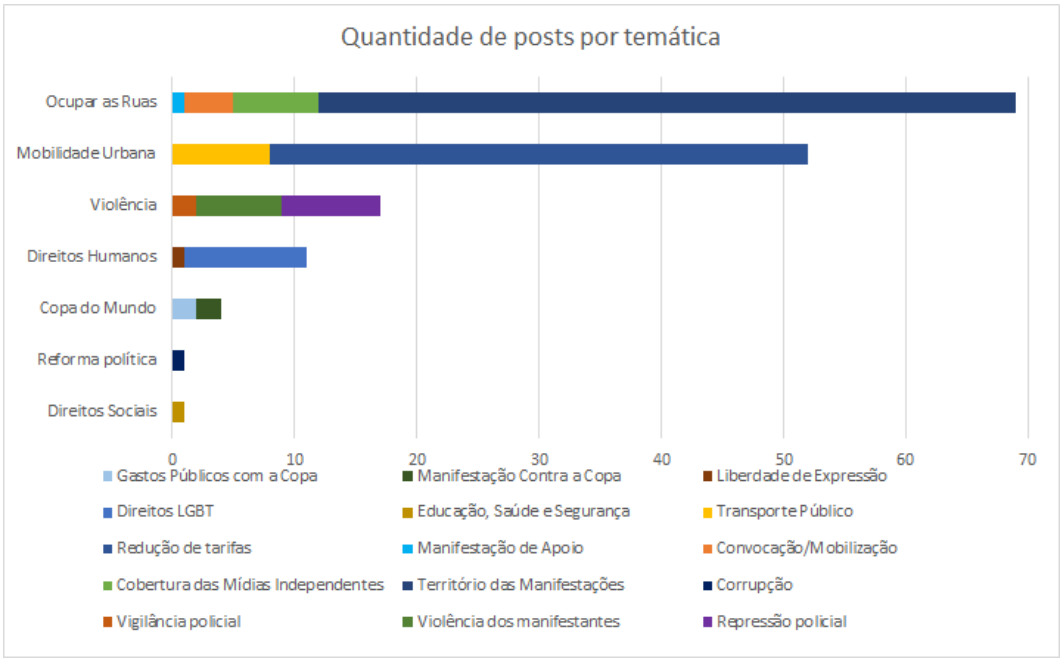
uso e compartilhamento de tecnologias livres aplicadas às expressões culturais e da sustentabilidade pautada no uso e desenvolvimento de tecnologias sociais.

Distrito Federal, seu conteúdo em média teve um maior impacto que os posts sobre as manifestações em São Paulo.



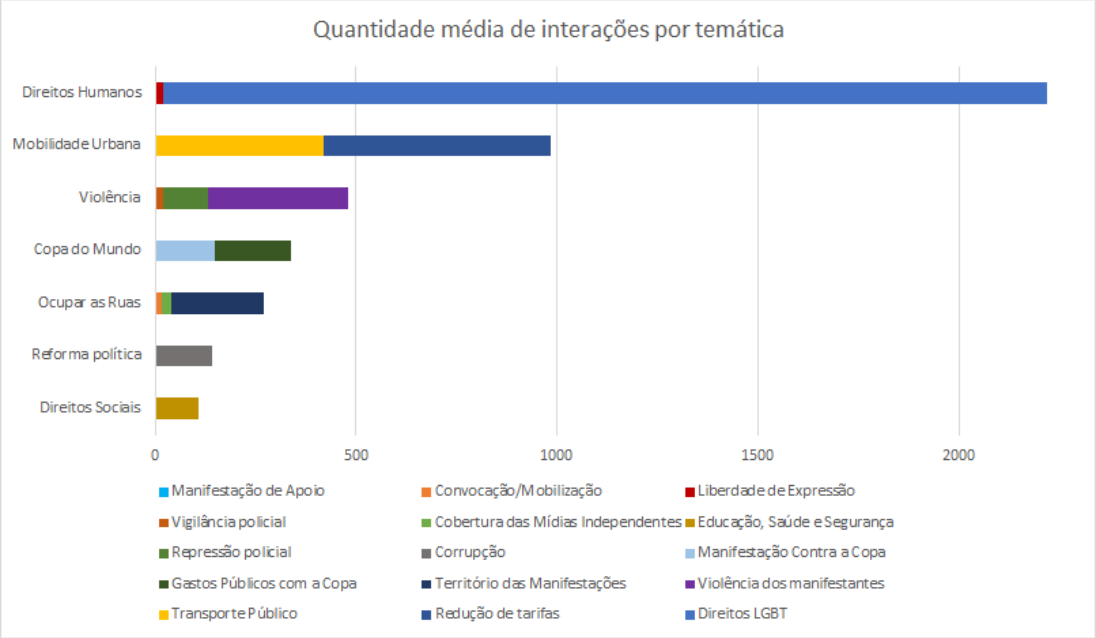


As postagens encontradas foram agrupadas em 7 temáticas gerais, divididas em 15 subtemas, que representavam o assunto mais específico de seus textos – como a reinvindicação do protesto divulgado, por exemplo:



A temática mais recorrente entre os posts foi intitulada “Ocupar as Ruas” com 69 postagens. Essa categoria englobava as mensagens que não focavam o motivo dos protestos, mas os acontecimentos nos protestos em si. O seu subtema mais recorrente foi “Território de Manifestação”, pautando os fatos ocorridos nas ruas e a ocupação de diferentes territórios pela manifestação. Como exemplo, tem-se as muitas postagens em que a página enaltece a quantidade de pessoas tomando um espaço na cidade, tal como

ruas e praças. Observa-se, ainda, uma recorrência do subtema "Cobertura das Mídias Independentes", que destacava a presença do movimento Mídia Ninja em diferentes acontecimentos e divulgava seus links de transmissão ao vivo. Menos recorrente, mas ainda relevante, encontra-se o subtema "Convocação/Mobilização" que trazia posts convocando a população para participação nas manifestações e divulgando suas datas e locais, mostrando o caráter desse movimento de não apenas narração dos acontecimentos, mas de participação ativa em sua construção de um modo geral.



O segundo tema mais recorrente entre as postagens foi a "Mobilidade Urbana". Este foi o tema que, em termos absolutos, mais recebeu curtidas, compartilhamentos ou comentários no período, demonstrando um número muito maior de interações na rede que o tema "Ocupar as Ruas". O subtema "Redução de Tarifas", pertencente à essa categoria, foi também o segundo mais recorrente e o que mais provocou interações na rede. Sabe-se que a redução do preço das passagens do transporte público, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, é considerada por muitos como a pauta propulsora dos primeiros protestos de junho de 2013, que desencadearam uma onda de manifestações por todo o país com diferentes reinvindicações. De fato, os dados analisados corroboram essa tese, mostrando o impacto gerado nas redes por esta temática no período da disseminação dos protestos.

Ainda incluído na temática de "Mobilidade Urbana", o subtema "Transporte Público", englobando reinvindicações ligadas a melhorias no transporte público e no trânsito pelas cidades de um modo geral, obteve a maior quantidade média de curtidas, compartilhamentos ou comentários. Observou-se que as postagens com esse assunto foram, em sua maioria, referentes aos protestos realizados no Distrito Federal, nos quais os manifestantes ocuparam o Congresso Nacional e cujas imagens foram amplamente compartilhadas na rede, ressaltando a simbologia do ato.

No entanto, foi a categoria "Direitos Humanos" que recebeu a maior quantidade média de curtidas, compartilhamentos ou comentários, dentre as temáticas gerais identificadas. Isso se deve à grande interação na rede provocada pelas postagens com subtema "Direitos LGBT". Tais postagens são referentes aos protestos ocorridos em São Paulo e em Minas Gerais decorrentes da aprovação da proposta então conhecida como "Cura gay" aprovada pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal no dia 18 de junho.

A postagem que recebeu tanto o maior número de curtidas, quanto o maior número de compartilhamentos e o maior número de comentários, dentre todas as publicadas no período estudado, pertence a esse subtema. Trata-se de uma foto em um protesto em São Paulo de uma criança acompanhada de duas mulheres, segurando um cartaz com os dizeres: "Minhas mães não precisam de cura! #Feliciano você não representa a minha família!". O impacto e repercussão na rede dessa imagem, que representa a insatisfação dos manifestantes em relação à proposta citada, evidencia o papel dos narradores independentes numa conjuntura de mobilização social. Estes, inseridos num contexto em que não são meros descritores do movimento, mas também escritores, trazem à tona o detalhe, também fundamental para a compreensão dos fatos e a sensibilização das multidões.

Destaca-se, ainda, a temática "Violência" que foi a terceira mais frequente entre as postagens, subdivididas nos subtemas "Repressão policial", "Vigilância Policial" e "Violência dos manifestantes". Essa última, englobando mensagens que retratavam atos violentos por parte dos manifestantes, compreendeu os posts com a maior quantidade média de comentários, evidenciando o caráter controverso desse contexto, que divide opiniões e permite amplas discussões na rede. Da mesma forma, o subtema "Direitos

LGBT" obteve a segunda maior quantidade média de comentários, demonstrando também seu caráter polêmico.

Além das temáticas apresentadas, as postagens do período compreenderam ainda as categorias "Copa do Mundo", representando protestos contra os gastos públicos com a Copa e a sua realização, "Reforma Política", narrando protestos contra a corrupção, "Direitos Sociais", com a presença de protestos reivindicando melhorias na educação, saúde e segurança públicas.

Assim, entende-se que a consolidação desse modelo de mídia configurada a partir de narrativas independentes, ocorre enquanto o movimento pauta as manifestações e suas reinvindicações de um ponto de vista participante dos acontecimentos, fazendo um contraponto às mídias tradicionais que eram meras expectadoras. O detalhe e a autenticidade desse tipo de narrativa permitiram que a trajetória da "Jornada de Junho" fosse não apenas descrita, mas escrita de forma singular, uma vez que seu impacto na rede conseguiu influenciar a opinião pública e angariar adeptos aos protestos e às narrativas independentes em todo o país.

4. O pós Mídia Ninja: a emergência de redes coletivas territorializantes

O boom do Mídia Ninja e sua consolidação enquanto mídia indepentente estruturada sobre o trabalho colaborativo e o compartilhamento livre nos fornecem importantes informações acerca da consolidação do que seria este modelo de coletivo desencadeador de ação coletiva em rede, com a emergência de narrativas territorializantes em diferentes cidades do país que desembocam em diferentes focos de movimentos, que pautados por reivindicações gerais, como já apontado neste trabalho, também possuem suas particularidades. Aqui, destacaremos suscintamente as 5 principais páginas (com maior número de curtidas) de coletivos Ninjas emergentes da Mídia Ninja após o boom das manifestações de junho de 2013 e após a dominação da narrativa ninja nos movimentos. Para falarmos sobre essas páginas foram feitas coletas de posts de cada uma delas desde sua criação até o último dia do fatídico ano de 2013. Entretanto, necessário lembrar que a coleta foi realizada entre os dias 03 a 06 de outubro de 2014, podendo assim haver alguma discrepância em relação a exclusão de páginas ou postagens. As análises foram feitas em cima dos conteúdos dos posts e das estatísticas das páginas. Esses conteúdos são analisados após serem filtrados através de

métricas pré-estabelecidas por um script programado em nosso laboratório, Labic. Esse script cria estatísticas atráves de métricas criadas a partir das possíveis informações que o *app Netvizz* (*Data Mining* de *Facebook*) fornece em sua coleta, no caso, a coleta focou-se nos posts de páginas.

4.1.1. Página: Mídia Ninja SP Brazil (5.251 likes)

A página "Mídia Ninja SP Brazil", com mais de 5.200 likes, ativa no dia 27 de julho, teve como seu primeiro post uma imagem de convocação para união entre paulistas e cariocas a favor do direito de protestar e contra a repressão policial nos protestos. Pode ser visto na figura, diversas imagens icônicas como os calçadões das cidades e monumentos turísticos de ambas formando essa aliança. Com uma média de mais de 10 posts por dia, a página em questão teve mais de 56% de posts com imagem, utilizando-as para chamar atenção de seus usuários e expor seu conteúdo visualmente. Além das imagens, o ano de 2013 contou com 25% de posts feitos de links, ou seja, isso comprova utilização de material externo, de que a página pode também ser categorizada como uma agregadora de conteúdos provenientes de diversos lugares da web.

4.1.2. Página: Mídia Ninja (16.097 likes)

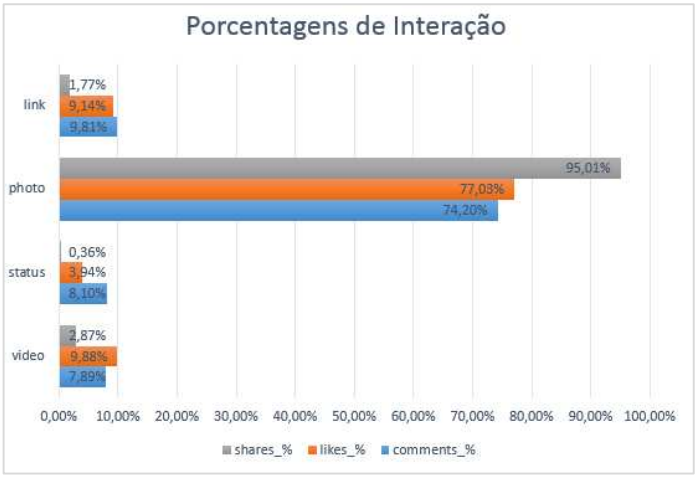
A coleta feita desta página resultou em apenas 15 posts, sendo todos eles no mesmo dia (1º de julho) e em um intervalo de aproximadamente 1h40. Criada no dia 1º de julho, ela obteve desde sua criação mais de 16.000 likes. Diante do resultado da coleta, podemos concluir que esta página serviu para disseminar conteúdo de mídia ninja como fotos e também serviu como forma de contato entre manifestantes e "ninjas", pois deixa claro que a página serve para tal no seguinte post:

4.1.3. Página: Mídia Ninja VIX (3.664 likes)

Analisando os poucos posts coletados nesta página, vemos que a ideia inicial era de uma página com a intenção de divulgar imagens ao vivo das manifestações de Vitória-ES. Porém ao longo dos posts, ela divulga mais massivamente as imagens dos protestos que aconteceram no Rio de Janeiro, através de links da plataforma de streaming ao vivo, *Twitcasting*. Isso pode ser visualizado no gráfico ao lado que diz o número de vezes que as urls foram postadas. A página foi criada no dia 18 de julho e se manteve ativa até o dia 31 de julho, data do seu último post.

4.1.4. Página: Mídia Ninja PE (2.283 likes)

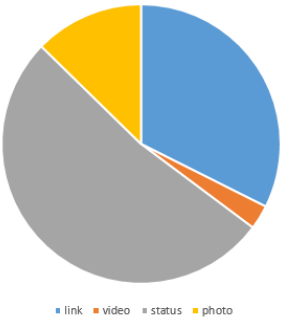
A página, até hoje ativa, possui mais de 250 vezes no ano de 2013, desde a sua criação em 29 de julho. Nota-se a intenção principal de divulgar e convocar para eventos que se realizariam no estado, mais especificamente na capital, Recife.



Podemos conferir no gráfico representativo acima que as interações eram proporcionalmente maiores quando o conteúdo do post era visual, seja em vídeo ou, principalmente, em foto. Percebemos que a mídia mais impactante, no quesito de compartilhamentos, é o post com imagem, com uma porcentagem de 95% dos compartilhamentos feitos pelos usuários da página.

4.1.5. Página: Mídia Ninja RN (2.283 likes)

Esta página, criada no dia 2 de agosto, teve, no ano de 2013, o total de 71 posts. Analisando seus posts, podemos ver as funções da página: a divulgação e a transmissão de movimentos de seu estado, além da divulgação do trabalho de outras Mídias Ninjas ao redor do Brasil. No gráfico ao lado podemos perceber que a maior porcentagem de posts feitos



pela página é em forma de Status, ou seja, um texto simples e meramente informativo. Assim, podemos concluir que comunicação da página era feita de uma forma mais direta. E em segundo lugar, os links que levavam os usuários para as transmissões e outras informações externas da web.

4.2. Análise final: páginas emergentes territoriais

Pode-se concluir que essas páginas foram criadas em apoio à essa narrative Ninja nos movimentos de junho de 2013. Em sua maioria, como nos exemplos citados, as páginas foram inicialmente criadas para apoio à divulgação de notícias referents a protestos de suas cidades e estados, porém com o passar do tempo, e com o crescer dos likes, as páginas também divulgavam assuntos nacionais ou até de outros estados.

A sobrevivência dessas páginas, sendo que várias delas continuaram ativas até hoje, se dá na divulgação de notícias polêmicas e que chamam atenção pra uma manifestação de revolta e o desejo de mudanças e reformas políticas que refletem o desejo de uma parcela da sociedade ávida por transformações. Ou seja, em um configuração de mídia indepentente, alternativa à tradicional, que mostre o outro lado oculto pelas grandes corporações midiáticas no poder.

5. Considerações finais

A internet permitiu às pessoas que compartilhem informações sem os mediadores tradicionais. As novas tecnologias abriram o caminho para novos espaços, nos quais pessoas não apenas passivamente absorvem informação, como a produzem e disseminam. É neste novo cenário de redes conectadas nas ruas que emergem os ciberativistas: cidadãos capazes de tomar e compartilhar suas opiniões neste mundo virtual, de “utilizarem a internet (...) para difundir um discurso e colocar à disposição pública ferramentas que devolvam às pessoas o poder e a visibilidade que hoje são monopolizadas pelas intituições (...). Só podem aproveitar as redes distribuídas aqueles que crêem em um mundo de poder distribuído" (UGARTE, 2008).

Assistimos, portanto, durante as manifestações que se desdobram desde de junho de 2013, a emergência de uma outra dinâmica comunicacional dentro dos movimentos políticos brasileiros. Antoun e Malini (2013) observam que a construção

de uma narrativa colaborativa por meio do uso das novas tecnologias fortalece a constituição de redes de ação coletiva e modifica substancialmente as perspectivas da produção de informação e, logo, da luta política na contemporaneidade. "A narrativa colaborativa… é uma expressão de uma nova cultura de indiferenciação do consumo e da produção da informação, cujo traço peculiar é a instataneidade em fluxo contínuo de uma conversa… Ela marca o engajamento do sujeito naquilo que escreve e na ação coletiva à qual ele se vincula." (ANTOUN; MALINI, 2013, p. 214)

Assim, os protestos adquiriram uma nova camada de luta, que resultou na apropriação do ciberespaço tanto pelos interessados no fim das manifestações, quanto por aqueles que buscavam romper o "monopólio da fala" das corporações midiáticas, para utilizar uma expressão de Muniz Sodré (1977). Nesse sentido, uma verdadeira guerra em rede passa a ser travada em uma dimensão capaz de imbricar redes e ruas, tornando difícil a distinção radical – objeto de crítica de Pierre Levy em Cibercultura (1999) – entre o "virtual" e o "real". Segundo Castells (2013) os movimentos sociais do que ele chama "sociedade em rede" são construídos de forma híbrida, em uma construção entre as redes da internet e o espaço urbano ocupado, constituindo assim, "comunidades instantâneas de prática transformadora' (CASTELLS, 2013, p. 20). E neste espaço, a comunicação se constrói de forma autômata, para além dos regimes de poder, como o Estado e os veículos de comunicação.

A geração que caminha nas ruas é, como afirma Bentes (2013), uma multidão de desorganizados e o desafio daqui pra frente será fazer política com essas novas subjetividades, cada vez mais constituído por suas singularidades e territorialidades. A construção desse cenário se dá, segundo a autora, a partir de práticas descentralizadas de comunicação advindas com a Internet, que tem o potencial de criar ambientes de trabalho, de educação, de lazer, colaborativos e participativos, rompendo com velhas formas de hierarquização e de aprendizagem unidirecionados e/ou centralizados, estimulando processos de ampla conectividade em rede, coletivos (Bentes, 2009, p.71).

6. Referências

BENTES, Ivana. **Novas formas de lutas pós mídias digitais**. Lugar Comum (UFRJ), v. 28, p. 33-38, 2009.

BENTES, Ivana. **Curta! nas ruas com você** | Ivana Bentes. Canal Curta. YouTube, 19 jul.2013.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Vol. 3: capitalismo e esquizofrenia**. Editora 34: 2ª edição, 2012.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface** – Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed.34, 1999.

MALINI, Fábio. **Biopoder e a fábrica social**. Online, 2011. Disponível em < http://fabiomalini.com/dossie-negri-e-foucault/biopoder-e-a-fabrica-social/>. Acesso em 08 out 2014.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e as ruas: ciberativismo e mobilização nas redes sociais.** Editora Sulina, 2013.

MARX, Karl. **Capital fixo e o desenvolvimento das forças produtivas da sociedade**. In: Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

QUINTANA, Yolanda; TASCÓN, Mario. **Ciberactivismo – las nuevas revoluciones de las multitudes conectadas**. Espanha: Catarata, 2012.

RHEINGOLD, Howard. Multitudes inteligentes. Barcelona: Gedisa editorial, 2004.

SODRÉ, Muniz. **O Monopólio da Fala.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

UGARTE, David de. **O poder das redes**: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.